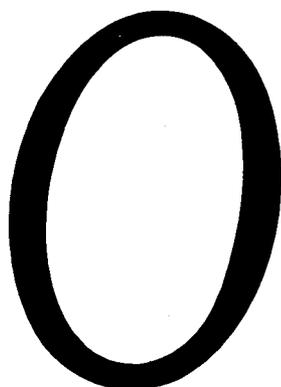


CENTRO DE CULTURA AFRO- BRASILEIRO CONGADA DE SÃO CARLOS

**Casimiro Paschoal da Silva
Do Centro de Cultura
Afro-Brasileiro Congada
São Carlos/SP**



Centro Cultural Congada¹ já existe oficialmente há dez anos em São Carlos e, desde 1976, é reconhecido como uma entidade de utilidade pública pela Câmara Municipal de São Carlos. Durante todos esses anos, a prática do Movimento Congada em São Carlos se deu no sentido de desenvolver atividades culturais, esportivas, recreativas, de resgatar e valorizar a cultura negra. No decorrer desse processo, o Centro Congada tem enfrentado várias resistências, não só a nível dos órgãos institucionais, como da própria Universidade. É sobre elas que orientarei meu relato.

Em maio de 1985, vários embaixadores de países africanos — Gana, Senegal, Costa do Marfim, Togo, Nigéria, e outros — estiveram na cidade de São Carlos, numa visita de caráter comercial. Nós, do Centro Congada, consideramos importante estabelecer um contato com essas pessoas, mas a Prefeitura se recusava a fornecer detalhes sobre a visita. Tivemos acesso a essas informações uma semana antes, e só ficamos conhecendo o roteiro da visita, apenas algumas horas antes da chegada da comitiva. Houve todo um processo de escamoteamento, com objetivo de impedir a nossa presença na recepção.

É nesse contexto que entra, então, um processo de interferência do Centro Congada, pois, recebendo os embaixadores, representantes diretos da comunidade negra, estaríamos mostrando para toda a comunidade a presença do negro em São Carlos. Assim, o Congada começou a agir. Preparamos, então, uma manifestação cultural e um documento a ser entregue aos embaixadores, solicitando um maior intercâmbio cultural e técnico-científico com aqueles países.

Apesar das dificuldades — os embaixadores se hospedaram num hotel de luxo, onde negro não entra — conseguimos realizar o nosso intento.

No decorrer da apresentação aconteceram fatos curiosos. As pessoas ficaram preocupadas, porque, de repente, se viram diante de uma porção de negros, com atabaques, pandeiros, chocalhos, e aquelas tranças esquisitas, brincos, roupas estranhas, descendo a rua da cidade que dá acesso ao hotel. Foi um choque. Os hóspedes achando estranho aquele bando de negros, o gerente preocupado, querendo fechar a porta. A comissão organizadora da visita, por sua vez, me chamou, em particular, explicando a sua preocupação com o grande número de negros presentes, uma vez que o buffet estava previsto apenas para os convidados. Procurei tranquilizá-los, informando-os que o nosso objetivo era o de mostrar aos embaixadores que existiam negros na cidade que desenvolviam um trabalho cultural.

Havia uma expectativa, uma ansiedade em saber o que um bando de negros descalços, com roupas esquisitas iria fazer com atabaques, pandeiros. Será que vai dar samba, carnaval, batucada?

Mas, quando tiveram início as danças afro, as músicas dos elementos do Centro, as pessoas começaram a se aproximar, inclusive a imprensa, que tem se mostrado muito resistente às nossas reivindicações (para se publicar um artigo no jornal é uma dificuldade).

Durante a apresentação, o representante do Senegal ia explicando para o prefeito o significado das danças, que por coincidência, faziam parte do folclore do Senegal. No decorrer do evento, entregamos para cada embaixador um documento solicitando esse intercâmbio cultural e técnico-científico.

Após a apresentação, fiquei sabendo, através do representante do Senegal, que o prefeito os informara de que os negros em São Carlos eram bem re-

¹ Antes da existência do Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada o Movimento Negro em São Carlos atuava através do Grupo Rebu — uma comunidade de pessoas interessadas no desenvolvimento do Teatro Experimental do Negro e na questão racial. Sua posição crítica face ao racismo e suas práticas, seu trabalho concreto de informação, a formação de atores e criação de peças que apontavam para a questão racial, significou um grande avanço no processo de organização da comunidade. Afirmção de identidade cultural e denúncia da exploração dos oprimidos constituíram a temática desse grupo. A partir de 1976, então, o Grupo Rebu deu origem ao Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada que passou a efetuar o trabalho cultural numa perspectiva política.

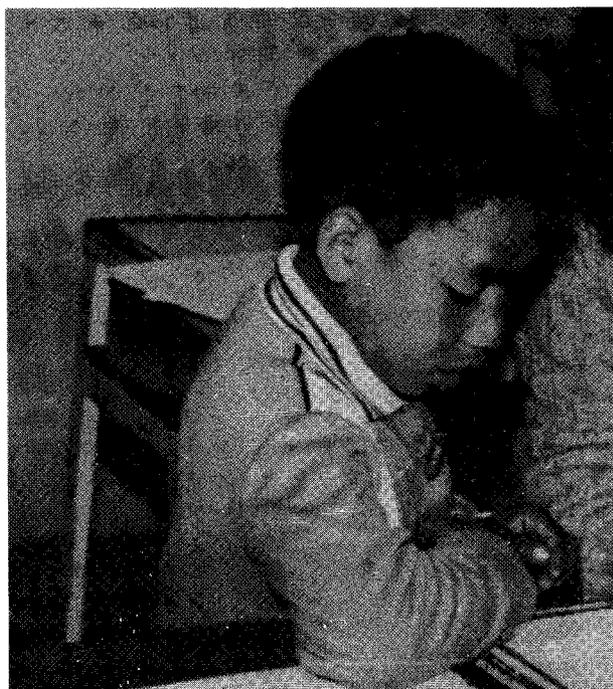
presentados e ocupavam bons cargos na cidade. Esse fato me levou a solicitar uma audiência com o prefeito, audiência esta adiada por duas vezes. Finalmente, quando consegui falar com o prefeito, para contestar aquelas afirmações, pedi que me mostrasse onde estavam os negros bem representados e os cargos que ocupavam na cidade. Dá para contar apenas em uma mão a participação de negros e negras nas lojas de São Carlos. Ele me informou que estava fazendo muito, mas que precisaria conhecer os quadros da comunidade negra ao que eu argumentei se ele havia sentido necessidade de conhecer os brancos que colocara na Prefeitura.

Na sua concepção ele estava abrindo espaço para a comunidade negra — no carnaval houve a eleição da rainha negra, do rei-momo negro, das princesas negras. Mas, para sua infelicidade um dos elementos do Centro lembrou-lhe que, neste país, o negro só é considerado quando se trata de carnaval, futebol e samba, e que, passado o carnaval, a mesma rainha negra volta a ser empregada doméstica. Reivindicamos, também, do prefeito o reconhecimento legal do Centro Congada, exigindo a sua participação em qualquer assunto referente à comunidade negra.

Como grupo que luta pela conquista de um espaço para o negro em nossa cidade, temos enfrentado uma série de dificuldades, inclusive, entrando em confronto com pessoas que embora não tenham vínculos com o Movimento Negro, tentam se promover às suas custas — como o Centro Negro Municipal.

Este grupo, apesar de criado recentemente, já está instalado junto à Prefeitura, enquanto o Centro Congada luta, ainda, para conseguir uma sede.

Assim sendo, o Centro Congada resolveu tomar uma posição. Durante a cerimônia de abertura do novo Centro, foi lido um discurso, que gerou uma série de polêmicas e cujo teor é o seguinte:



“Nós, membros da população negra brasileira, estamos convencidos da existência do preconceito racial, marginalização, péssimas condições de vida, subemprego, discriminação na admissão de emprego, perseguição racial no trabalho, permanente repressão e violência policial, condições sub-humanas dos presidiários, tratamento desumano nos hospitais psiquiátricos, prisões arbitrárias, abandono de crianças que, em sua maioria negras, tornam-se delinquentes, exploração e prostituição sexual, econômica e social da mulher negra. Sendo assim, lutamos pelos direitos igualitários assegurados pela Constituição, que para os negros nunca existiram. Não esperamos nunca que os detentores do poder e dos privilégios decorrentes da herança do racismo, venham resgatar a história africana e afro-brasileira que escamotearam até hoje. Isso é tarefa nossa, dos negros conscientes, no resgate da nossa história, da nossa dignidade de povo. Trouxemos da África a força do nosso espírito, das nossas instituições sócio-econômicas e políticas, de nossa religião, arte e cultura. Baseados nesta herança cultural, queremos uma sociedade nova, onde todos participem realmente e, juntos, possamos reunir nossas forças e lutar pela defesa do povo negro em todos os aspectos: político, econômico, social e cultural. Diante dos fatos expostos, vemos a importância dos movimentos negros. O Congada está há nove anos representando os negros de nossa cidade, enfrentando todos os tipos de discriminação e dificuldades criadas pela classe branca dominante e seus representantes, que em momento algum estiveram preocupados com a nossa problemática e da maioria da população carente. E aí, senhores, é que entra a união de nossas forças. Somos da opinião de que não precisamos da criação de novos órgãos, preocupados apenas com a condição social do negro, mas, sim de fortalecer as entidades já existentes, para que juntos possamos romper a estrutura racista dos órgãos municipais, governamentais e político-nacionais, para que não façamos parte dessa política colonialista, imperialista, que tem perpetuado a condição dos afro-brasileiros e negros do mundo. Hoje, aqui reunidos na criação deste novo Centro, esperamos que ele possa ser mais um canal de expressão dos nossos anseios democráticos, que democraticamente ele não perca os objetivos de continuidade de nossa luta. Por outro, consideramos uma atitude de nova visão política da Prefeitura, conhecer parcialmente os nossos direitos de participação, mas devemos permanecer alertas, não nos iludirmos com a primeira porta aberta, pois todas as outras continuam fechadas.”

Posteriormente, esse documento foi entregue à Câmara de Vereadores da cidade, o que fez com que o prefeito adotasse represálias, ordenando que, a partir daquele momento, qualquer ofício do Centro

Congada endereçado à Prefeitura seria engavetado. Esse acontecimento, obviamente veio dificultar ainda mais a nossa posição.

Na área educacional, o Centro vem desenvolvendo um trabalho voltado para a questão da discriminação racial da criança negra². No decorrer dessa nova experiência, temos nos deparado com situações que merecem serem conhecidas: ao entrevistar uma família negra de São Carlos, observamos que a criança da casa puxava a saia de sua mãe, querendo conversar conosco a respeito de sua experiência na escola. Percebemos, entretanto, que a mãe se omitia temendo incomodar o pai com essas preocupações. Somente, ao sair de sua residência, ela nos contou que a sua filha, única negra na escola, era alvo constante de insultos e de discriminação racial passando, então, a revidar, espetando com a ponta do compasso, o garoto branco que a molestava. Tal fato, que a menina omitiu da família, acabou levando-a a perder o ano.

O grupo vem tentando atuar também na Universidade. Quando o Ministério da Cultura solicitou à Universidade Federal de São Carlos, documentos sobre o negro no Brasil, constatou-se que a Universidade não os possuía. Então, por sugestão do Prof. Nelson Prudencio o pedido foi encaminhado ao Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada. Posteriormente, o Centro apresentou um projeto visando a criação de um Grupo de Estudos Afro-Brasileiro Congada. Posteriormente, o Centro apresentou um projeto visando a criação de um Grupo de Estudos Afro-Brasileiros dentro da Universidade que ficaria responsável por assuntos referentes à problemática do negro.

Entretanto, até a aprovação da proposta, tivemos que enfrentar inúmeras dificuldades. O projeto teve que ser revisto várias vezes, pois no início a Universidade entendeu que queríamos apenas uma sala para realizarmos nossas reuniões quando, na verdade o nosso objetivo era de que a Universidade assumisse através da pesquisa e da sua infra-estrutura, de forma mais eficaz, a questão da discriminação racial. Na realidade almejávamos um espaço político dentro dessa instituição.

Após várias discussões a Universidade concordou desde que o Congada não atuasse junto ao Setor Cultural da Universidade. Deste modo foi criado

um Grupo de Cultura subordinado ao Setor Cultural. Este grupo, apesar de contar com a participação de militantes do Congada, é independente do mesmo³. Após a sua aprovação, entretanto, surgiram várias dificuldades demonstrando que havia um desinteresse da parte da Universidade em atender às nossas preocupações.

Finalmente, vou relatar um outro fato que mostra a luta do negro na conquista de um espaço, inclusive, nos meios acadêmicos. No processo de organização da coleção⁴ do professor Eduardo de Oliveira e Oliveira, trabalhou uma garota negra do Centro Congada. Entretanto, quando pedimos a sua participação mais efetiva, a Universidade alegou que não havia recursos financeiros para tal, e o seu nome nem sequer apareceu na publicação do inventário das obras. Esse é um exemplo da perpetuação da condição do negro, da negação da sua participação numa atividade que, depois, passa a ser atribuída a outros. Estes, às custas do trabalho de uma militante negra, consolidam a sua posição na Universidade.

2 Este trabalho, que vem sendo desenvolvido por militantes do grupo, tem como objetivo estimar as condições sócio-econômicas da comunidade negra, bem como averiguar o seu comportamento frente ao problema da discriminação racial.

3 O grupo da Universidade é basicamente acadêmico e apolítico tendo como objetivo servir de vitrina para os artistas negros da região. O Grupo Congada constitui-se numa frente de luta do Movimento Negro e um canal de reivindicações e denúncias das péssimas condições de vida da comunidade negra.

4 *Inventário analítico da coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira*. Vera Aparecida Lui Guimarães e Maria Cristina P. Inocentini Hayashi, Arquivo de História Contemporânea, UFSCAR, 1984. Essa coleção é constituída por um conjunto de documentos de natureza diversa, que retratam não só aspectos da vida particular e pública de Eduardo de Oliveira e Oliveira, como também, o contexto histórico da sua atuação na trajetória do Movimento Negro no Brasil.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- GUIMARÃES, V.A.L. & HAYASHI, M.C.P.I. *Inventário analítico da coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira*. Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, 1984.